

# O MULTICULTURALISMO NA ESCOLA: UM OLHAR PARA PERSPECTIVA MIGRATÓRIA

MULTICULTURALISM IN SCHOOL: A LOOK TO THE MIGRATION PERSPECTIVE

LEILA MARIA OLIVEIRA<sup>1</sup>, SUEIDY PITHON SUEYASSU<sup>2\*</sup>

1. Doutoranda pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, professora da rede básica de ensino; 2 Doutoranda pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, professora pela Universidade Metropolitana de Santos

\* Avenida Regente Feijó, 1900, apto 121, Bl 1 Mauá, Anália Franco, São Paulo, São Paulo, Brasil. CEP: 03342-000. Brasil.  
[pithonsueidy@bol.com.br](mailto:pithonsueidy@bol.com.br); [leila\\_bracu@hotmail.com](mailto:leila_bracu@hotmail.com)

Recebido em 03/11/2016. Aceito para publicação em 12/12/2016

## RESUMO

O presente artigo tem como objetivo aproximar o olhar para o contexto escolar a fim de refletir sobre a temática da multiculturalidade. O fluxo migratório tem se intensificado a cada dia, e com isso novos estudantes oriundos de diferentes lugares do mundo tem vivido diversas experiências no ambiente escolar. Sabendo disso que este artigo tem a intenção de aproximar o olhar das autoras que no passado lecionou e estudou em outros países, com a realidade desses estudantes migrantes aqui no Brasil que reproduzem um sentimento de pertencimento ou de não pertencimento a esse novo contexto sociocultural.

**PALAVRAS-CHAVE:** Multiculturalismo, diversidade, identidade.

## ABSTRACT

This article aims to bring new thinking of the need for nursing professionals in the education system. Therefore, this study aims to find in the literature themes focused on the importance of the practice of teachers working in the educational teaching through a literature review. Therefore, we present a brief background on the research method used.

Finally, they used a few references that directly describe the subject. However, despite this, it was possible to topics that cover the area in question and the importance of duality between the theoretical and practical knowledge for teaching-learning process in Contemporary Education. It can be concluded that for a great educational practice becomes necessary to have knowledge in the pedagogical area and the process of teaching and learning and all the elements involved in the process: student, teacher and object of study.

The teaching practice needs to be critical and dynamic, involving the dialectical movement, between doing and thinking in a continuous movement of reflection on the everyday teaching and learning. systematic literature review was conducted, the main databases, searching for relevant national articles published between 2015 to 2016 using the following key words: 'nursing teacher', 'class', 'modern education' This article aims to bring the look to the school environment to reflect on the theme of multiculturalism. The migration has intensified every day, and with that new students from different parts of the

world have lived different experiences in the school environment. Knowing that this article is intended to approximate the look of the authors who in the past has taught and studied in other countries, with the reality of migrant students in Brazil that reproduce a sense of belonging or not belonging to this new sociocultural context.

**KEYWORDS:** Multiculturalism, diversity, identity.

## 1. INTRODUÇÃO

Vive-se em tempos de muitos conflitos pessoais e interpessoais, tempos de intolerância, tempos de falta de amor.

Quando falamos de amor podemos pensar que não é algo para ser colocado em pauta de discussão, ou até piegas, mas como ignorar esse sentimento que é o ponto de equilíbrio que mantém a humanidade

Dentro dessa perspectiva da amorosidade trazemos a fala de Paulo Freire (2002, p.80)<sup>1</sup>:

*“(...) o ato de amor está em comprometer-se com sua causa. A causa da libertação. Mas este compromisso, porque amoroso, é dialógico (...). Como ato de valentia, não pode ser piegas, como ato de liberdade não pode ser pretexto de manipulação, senão gerador de outros atos de liberdade. A não ser assim, não é amor. Somente com a supressão da situação opressora é possível restaurar o amor que nela estava proibido. Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me possível o diálogo.*

Vislumbrando esse panorama mundial diverso e intolerante, devido aos movimentos migratórios, promoveu-se no início do século XXI discussões e reflexões sobre multiculturalidade, exigindo um olhar íntimo, de modo a nos aproximar dessa realidade, buscando a ruptura de resistência a esse fenômeno planetário a fim de buscar caminhos de mediação em contextos onde apresentam-se a diversidade.

O mundo tem vivido um movimento sísmico provocado por fortes ondas de ordem política, acidentes naturais, guerras, fome, escassez onde tem deslocado milhões de pessoas pelo mundo afora.

Nesse movimento mais conflitos são gerados em relação a confrontos culturais com o deslocamento de verdadeiras massas humanas pelo mundo.

Como vivermos e convivemos em meio a uma sociedade que apresenta-se dentro de um panorama de multiculturalidade? Como respeitarmos as diferenças? Como entendermos a diversidade que nos cerca? Como provocarmos a manutenção da paz e do bem-estar no contexto multicultural?

Essas são indagações que surgem como reflexão com o objetivo de encontrarmos caminhos de mediação para vivermos em um mundo multiforme, a fim de amenizar os conflitos e diminuir a distância no que se julga ser diferente.

Quando falamos em diferença podemos pensar naquilo que não se assemelha a nós.

O que não se assemelha a nós?

A questão das diferenças é algo que ao nosso olhar já provavelmente criamos estereótipos de padrões aceitáveis. Esses padrões estabelecidos e arraigados em nossas almas desde antes de nos conhecermos como sujeitos podem ter sido padrões que foram construídos a cada dia em nossas vidas como tijolinhos, onde acabou-se erguendo verdadeiras paredes que fazem a separação entre o eu e o você, entre nós.

Será que as diferenças realmente existem ou são construções internas de defesa, que provocam estranhamento para aquilo que não aceito como “igual”?

As diferenças podem ser os tijolos que colocamos a cada dia em nossa formação como sujeitos, que se transformaram em muralhas de proteção?

Afinal, proteger-se do que?

Analisando a questão do que é diferente Gomes diz:

Isso nos leva a pensar que, ao consideramos alguém ou alguma coisa diferente, estamos sempre partindo de uma comparação. E não é qualquer comparação. Geralmente, comparamos esse outro com algum tipo de padrão ou de norma vigente no nosso grupo cultural ou que esteja próximo da nossa visão de mundo<sup>2</sup>.

Podemos assim então pensar que a diferença parte de comparações que realizamos a partir de um padrão já construído historicamente, utilizando como parâmetro nossa cultura ou culturas próximas.

## 2. MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa tem como enfoque qualitativo, onde os dados coletados a partir da revisão bibliográfica possibilita aproximar o olhar sobre a temática da multiculturalidade no contexto escolar a fim de entender os reflexos da xenofobia na educação brasileira.

## 3. DESENVOLVIMENTO

### O mundo visto como um caleidoscópio

“diversidade é uma astúcia do sistema”<sup>3</sup>

Dentro da perspectiva da diversidade que é a astúcia do sistema que Casali apresenta, podemos contemplar um mundo de cores, cheiros onde podemos ver e sentir por meio dos nossos sentidos. O que pode-se agregar a vida quando permite-se mergulhar fundo nessa imensidão de possibilidades de experiências, ao entrar em contato com essa diversidade humanitária que se abre diante de nós?

Essa diversidade humanitária possibilita vivenciar e experimentar diferentes modos, formas e culturas, o que popularmente chamamos multicultural ou multiculturalismo.

No entanto, Stuart Hall, faz distinção entre os termos multicultural e multiculturalidade dizendo:

“O multiculturalismo refere-se a estratégias e políticas adotadas para governar ou administrar problemas de diversidade e multiculturalidade gerados pelas sociedades multiculturais. É normalmente utilizado no singular significando a filosofia específica ou a doutrina que sustenta estratégias multiculturais”<sup>4</sup>.

Stuart Hall aponta que existem muitas sociedades multiculturais e diversos multiculturalismos e suas implicações de governar e administrar os aspectos que envolvem esse universo.

Podemos trazer como destaque o organismo da escola, que passou a ser desenhado como palco de um cenário multicultural. Dessa perspectiva, e pode questionar, como a escola tem se repensado ao apresentar uma constituição multicultural?

Essa multiculturalidade a que falamos, podemos dizer, que parte já da constituição local onde a mesma está inserida, somando com a uma dimensão nacional e internacional de culturas?

Experiências internacionais como a das autoras em lecionar e estudar fora do país, possibilitou o despertar para a questão da multiculturalidade e o sentimento de pertencer ou não pertencer a um contexto sociocultural.

O sentimento de não pertencimento gera uma possível angústia na alma, colocando o sujeito à margem da vida.

A não integração desse sujeito, pode-se dizer que está sendo negada a vida no seu sentido mais amplo?

Como a comunidade escolar tem promovido a integração e a mediação entre povos e culturas na escola?

Como o currículo tem sido pensado de modo a favorecer a integração e o aprendizado contextualizado, contemplando a diversidade cultural?

É possível o currículo abarcar a diversidade de modo

a aconchegar, acomodando a multiculturalidade em seu âmago?

Essas inquietações surgem como preocupação, quando pensa-se em diversas crianças pelo mundo, vivendo em um contexto cultural que não é o seu, onde possivelmente haja dificuldade de integração ao ambiente escolar.

De acordo com a perspectiva de educação no contexto do movimento migratório a Organização das Nações Unidas diz:

A educação terá por objetivo o pleno desenvolvimento da personalidade humana e fortalecimento do respeito aos direitos humanos e às liberdades fundamentais; favorecerá a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e todos os grupos étnicos ou religiosos, e promoverá o desenvolvimento das atividades das Nações Unidas para a manutenção da paz<sup>5</sup>.

O Pacto Internacional de Direitos Econômicos, Sociais e Culturais, de 1966<sup>6</sup>, reforça essa questão, onde foram validados no Brasil todos os pontos elencados. Em se tratando do continente americano em termos regionais acordou-se a legislação do Sistema Interamericano de Direitos Humanos, mais especificamente o Protocolo Adicional à Convenção Americana sobre Direitos Humanos em matéria de Direitos Econômicos, Sociais e Culturais – Protocolo de San Salvador, de 1988 (art. 13)<sup>6</sup>. A tônica dessa normativa nos traz como afirmação o direito à educação para todas as pessoas, orientando-se para o pleno desenvolvimento da personalidade humana de modo a garantir sua dignidade, a fim de fortalecer o respeito pelos direitos humanos, reforçando as liberdades fundamentais pelo pluralismo ideológico, o cumprimento da justiça e a manutenção da paz.

Trazendo um olhar mais aproximado em relação ao Brasil, constatou-se que ao longo da história, assumiram-se posturas diferenciadas em relação à educação para imigrantes. Desde o incentivo a construção de escolas de imigrantes, posteriormente a proibição, até a inclusão de imigrantes no sistema de ensino nacional, mediante a Constituição de 1934, declarando a educação como direito de todos e dever da família e do Estado. Esse texto foi reelaborado em 1937, dificultando o acesso de imigrantes a educação, mas em 1946 a redação inicial volta revigorar, constando que a educação é direito de todos.

Essa política de acesso universal está em vigor até os dias de hoje, dessa forma o acesso à escola de alunos imigrantes está garantido. Dados revelam que entre os anos de 2007 e 2009, mais 10 mil novos alunos estrangeiros frequentaram as salas de aula, totalizando 38 mil estudantes na Educação Básica da rede pública do Brasil<sup>7</sup>. No Estado de São Paulo, dados da Secretaria de educação, revela que aproximadamente foram feitas 9

mil matrículas, entre as escolas municipais e estaduais no ano de 2013. Em 2014, passou a ser 13623 matrículas por estudantes imigrantes segundo os dados do Data Base 2014 organizado e comentado por Rodrigues (2014)<sup>8</sup>.

Garantir o acesso de imigrantes de diversas nacionalidades, etnias e culturas não é suficiente, é preciso que a escola se modernize adequadamente à realidade desse novo cenário, reconhecendo e respeitando a existência de minorias linguísticas, culturais e/ou étnicas, a fim de que a escola seja um espaço de ressignificação de valores previsto no currículo escolar.

Muitas ideologias nortearam a educação no Brasil e no mundo, por exemplo a ideologia de assimilação inicialmente imposta na educação Estado Unidense, no período colonial, que tinha como objetivo a construção de uma nação unitária de identidade americana na tentativa de dar um significado<sup>9</sup>. Segundo Fleuri (2003)<sup>10</sup>, as diferenças étnicas e culturais eram marginalizadas se tornando em desigualdades sociais. No Brasil é muito parecido quando analisamos as desigualdades sociais e a marginalidade cultural que os afro-brasileiros sofreram deste a construção do Estado-nação até os dias de hoje. Outro exemplo seria o Sul do Brasil com uma cultura predominantemente alemã, que pode ser uma das hipóteses que nos ajuda a entender o movimento separatista na região.

“... a escola conseguisse produzir a necessária homogeneização linguística e cultural. Acreditava-se que, na convivência espontânea entre pessoas de grupos étnicos diferentes, ocorresse um processo de assimilação cultural recíproca, em que cada um esquecesse suas próprias raízes”<sup>10</sup>.

Porém, a escola não deve ser um espaço onde as pessoas busquem uma unidade cultural, onde se busca esquecer suas raízes como acontece na ideologia de assimilação, e sim, um espaço de valorização cultural e linguística.

A língua tem sido uma das barreiras iniciais a ser superada<sup>11,12,13</sup>, no entanto a principal dificuldade são alguns sentimentos negativos gerados, como o de não pertencimento, que bloqueia o relacionamento positivo.

O conflito positivo gerado do convívio multicultural, é aquele que para Miranda e Otero (2010)<sup>14</sup>, procede de tolerância e respeito ao diferente, enriquece, e eleva os conhecimentos sobre o mundo, agrega valores individuais e coletivos possibilitando uma interação social saudável e tranquila.

Todavia o multiculturalismo nas instituições de ensino, na maioria das vezes, é consecutivo de conflitos negativos, gerados pelo preconceito ao *outro* grupo de cultura e etnia diferente. Podendo ser agravado ou não pelo idioma, mas, sobretudo pelos valores costumes e atitudes<sup>14</sup>.

Falar de multiculturalismo no ambiente escolar têm que ser bem mais que conhecer a coexistência de diversas culturas. O espaço escolar tem como um de seus objetivos desenvolver a socialização, por meio do qual os alunos adquirem cultura, regras, conhecimentos, contribuindo no progresso da civilização.

Por isso a necessidade de transformar a escola como cultura de aprendizagem, uma vez que se entende que a função da mesma, é transmitir a cultura socialmente construída ao longo do tempo, e instrumentalizar os alunos para serem sujeitos críticos comprometidos com a transformação<sup>15</sup>.

É crescente a preocupação com a melhoria da qualidade da educação, nesse sentido, não somente com a garantia de acesso à escola, mas também a permanência, por isso é que as políticas públicas educacionais caminham com propósito a transformação da escola, oferecendo condições para superar todo e qualquer tipo de discriminação, seja de gênero, classe ou etnia.

#### 4. CONCLUSÃO

Esse novo contexto mundial exige repensar a ordem da escola, onde as estratégias que até aqui foram utilizadas devem ser repensadas, considerando que as instituições escolares devam perder a exclusividade e ser parceiras em espaços extraescolares que tem uma grande interdependência na sua dinâmica, mas que acolha e valoriza as diferentes culturas locais.

Reconhecer que os profissionais combinados a comunidade têm concepções, crenças e principalmente experiências vivências diversificadas que promovem a construção de um contexto multicultural, é o primeiro passo para sucesso na luta para o combate aos preconceitos, ao racismo, a xenofobia no cotidiano escolar. Neste sentido é que temos a pretensão de continuarmos a pesquisar sobre experiências multiculturais no cotidiano escolar.

#### REFERÊNCIAS

- [1] Freire P. Pedagogia do Oprimido. Paz e Terra, 32 edição. São Paulo, 2002, p.80.
- [2] Gomes NL. “ Educação e diversidade étnico-racial”. In. RAMOS, M.N. et al. Diversidade na educação: Reflexões e experiências. Brasília, MEC/Secretaria de Educação Média e Tecnologia, 2003.
- [3] Casali A. “Ética na interculturalidade como vetor de comunicação para a sustentabilidade de organizações”. In: Kunsch MMK e Oliveira I De L. (org). A comunicação na gestão da sustentabilidade das organizações. São Caetano do Sul, Difusão Editora ( Série Pensamento e Prática, v.2), 2009.
- [4] Hall Stuart. Da Diáspora. Identidades e Mediações Culturais. Belo Horizonte/ Brasília: Ed.UFMG/UNESCO, 2003.
- [5] Organização das Nações Unidas. Declaração Universal dos Direitos Humanos, 1948. Disponível em:

[http://portal.mj.gov.br/sedh/ct/legis\\_inter/ddd\\_bib\\_inter\\_universal.htm](http://portal.mj.gov.br/sedh/ct/legis_inter/ddd_bib_inter_universal.htm).

- [6] \_\_\_\_\_ Pacto Internacional de Direitos Econômicos, Sociais e Culturais, 1966. PRINCETON UNIVERSITY WOODROW WILSON SCHOOL OF PUBLIC AND INTERNATIONAL AFFAIRS. Free to learn: a rights based approach to universal primary education in Kenya. Princeton, 2006. Disponível em: [http://www.princeton.edu/research/final\\_reports/f05wws591i.pdf](http://www.princeton.edu/research/final_reports/f05wws591i.pdf). Acesso em: 1 de junho de 2010.
- [7] Heidrich G. O desafio das escolas brasileiras com alunos imigrantes. Nova Escola. ed.235. Set, 2010.
- [8] Rodrigues LMO, et al. Imigração recente e educação, o caso do Estado de São Paulo e sua metrópole. Trabalho apresentado no XIX Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em São Pedro/SP – Brasil, de 24 a 28 de novembro de 2014. Disponível em: [http://abep.info/files/trabalhos/trabalho\\_completo/TC-1-5-765-677.pdf](http://abep.info/files/trabalhos/trabalho_completo/TC-1-5-765-677.pdf)> Acesso 17 abr. 2015.
- [9] Veiga CG. Escola pública para os negros e os pobres no Brasil: uma invenção imperial. Rev. Bras. Educ. vol.13 no.39 Rio de Janeiro Sept./Dec. 2008.
- [10] Fleuri RM. Intercultura e educação. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 23 p.16- 35, 2003.
- [11] Benevides MAF. Inclusão dos bolivianos nas salas de ensino regular da escola CAIC. 2010. Dissertação (Mestrado) - Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2010.
- [12] Oliveira LRP. Encontros e desencontros na escola: um estudo sobre as relações sociais entre alunos brasileiros e bolivianos em São Paulo. 2013. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.
- [13] Uchoa MMR. Linguagem e educação: um estudo sobre o processo de escolarização dos alunos bolivianos da zona urbana do município de Nova Marmoré. 2010 Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2010.
- [14] Miranda RJE Otero VM. A violência escolar. In: Revista Ibero-americana de Educação. Madri, 2010.
- [15] Bruner J. A cultura da educação. Porto Alegre: Artemed, 2001.

